

Sarau da Onça: A afirmação da identidade negra como nova forma de resistência à discriminação racial no bairro Sussuarana¹

Mossi Kuami Anoumou

UFBA/BAHIA

Palavra-chave: Identidade-identificação-resistência

Essa pesquisa nos levará a analisar a vivência de um grupo de jovens soteropolitanos que luta pela sua visibilidade identitária. Trata-se dum estudo etnográfico de um grupo de jovens negros no bairro de Sussuarana que conseguiram superar essa realidade sócio-político de racismo, de preconceito, de discriminação e de negação em Salvador. Aborda em particular a questão dos processos que propiciam a construção da identidade negra no grupo poético chamado Sarau da Onça.

1. A mata da onça pintada

No bairro de Sussuarana em Salvador acontece o “Sarau da Onça”. É um encontro de jovens que fazem poesia e hip-hop. Sussuarana é formada pelos bairros Sussuarana Velha, Nova Sussuarana e Novo Horizonte; e tem uma população de 53.967 habitantes, de acordo com pesquisa divulgada pelo IBGE obtida a partir dos Resultados do Universo do Censo 2010. A formação do bairro começou pela invasão da área chamada Jardim Guiomar. Tanto a Sussuarana Velha quanto a Nova foram espaços invadidos nos anos 80. A equipe da Coordenação de Desenvolvimento Social –CDS- da prefeitura de Salvador fez uma pesquisa no ano de 1983 sobre os bairros de baixa renda em Salvador. Esses dados foram publicados num livro intitulado *Informações Sistematizadas (CDS): Bairros de baixa renda*. Segundo a Coordenação de Desenvolvimento Social –CDS. Segundo esse documento,

A partir de 1981 surgiram invasões que chamaram atenção pelo número de pessoas envolvidas e o poder de barganha de seus ocupantes que souberam aproveitar o momento político que lhes era favorável... Essas invasões foram de Bonocô, Mata Escura, Nova Esperança e Nova Sussuarana que não permaneceram no local invadido, uma vez que a PMS percebeu o processo de invasão na fase de marcação de lote, tendo negociado com os invasores sua remoção para outra área... Outras invasões recentes e de menor porte, foram também objeto de

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

intervenção da CDS, no sentido de recoloca-las para o loteamento de Nova Sussuarana: São Bartolomeu e Mata dos Oitis, ambas localizadas nos limites de Parques sob a responsabilidade de SPJ (CDS, 1983, p. 383).



Mapa do Miolo

Segundo os relatos dos moradores mais antigos, Jardim Guiomar era habitado por uma espécie de onça chamada Suçuarana ou onça-parda. O nome atual do “Sussuarana” veio dessa onça. O bairro situa-se no chamado miolo urbano. O miolo era a estrada onde os vaqueiros traziam os rebanhos de determinadas regiões para outras, e dessa grande estrada foi surgindo ramificações que foram dando origem a vários bairros como: São Gonçalo, Cabula, Pernambués, Estrada das Barreiras, Tancredo Neves (Beirú), Mata Escura, Santo Inácio, Sussuarana, Novo Horizonte, Nova Sussuarana e outros. Está limitado pelo Centro Administrativo da Bahia, os bairros Tancredo Neves e Mata Escura. Sussuarana tem dez condomínios e o conjunto habitacional Sussuarana como mostra a figura seguinte.

2. Os missionários combonianos e a questão da negritude

Em março de 1980, os missionários combonianos, cujo carisma é a total dedicação aos mais excluídos e marginalizados, iniciaram um trabalho de evangelização e promoção humana em duas paróquias contíguas, Castelo Branco e Pau da Lima. Eles são da

congregação religiosa fundada por São Daniel Comboni. A chegada deles em Salvador tinha um objetivo específico: o trabalho com os “afrodescendentes”. Essa denominação “afrodescendentes” é uma expressão que os missionários combonianos usam hoje em dia para falar sobre o trabalho com a população negra no Brasil e no continente americano. Começou a ser usada depois da publicação uma resolução da ONU no dia 23 de dezembro de 2013 que cria a Década Internacional de afrodescendentes, tradução do inglês “*People of African descent: recognition, justice and development*”. A tradução portuguesa que se encontra no site da ONU usou denominação “*Afrodescendentes*” em vez de “*Pessoas descendentes de africanos*”. De Pau da Lima eles atendiam também o bairro de Sussuarana que na época, era um bairro abandonado, violento e discriminado. Pau da Lima era o centro comercial de Sussuarana nos anos 80. Mais tarde Giovanni Munari, um dos primeiros missionários a trabalhar em Pau da Lima-Sussuarana fez essa descrição do bairro como “um lugar pobre, de morros e baixadas atrás do Centro Administrativo, criando o contraste típico do Brasil da riqueza e do esbanjamento que convivem, lado a lado com a miséria e o abandono mais escandaloso”(MUNARI, 2007, p. 183). Em julho de 1998 assumiram a paróquia São Daniel Comboni em Sussuarana para continuar o trabalho com os afrodescendentes. Esse trabalho consiste, não somente em celebrar os sacramentos, mas também acompanhar as lutas sociais da população que busca seus direitos. Eles abraçaram a luta social desse bairro abandonado, pois faltava estrutura social e saneamento básico, o que prejudicava a saúde dos moradores. No intuito de focar no objetivo da vinda deles para Salvador, começaram a trabalhar a questão da identidade negra. No ano 2000, criaram o Centro de Pastoral Afro Pe. Heitor Frisotti (CENPAH) para exercer atividades de formação identitária, arte-educação, promoção da autoestima de grupos e comunidades na luta contra toda e qualquer discriminação. Tornou-se, assim, um espaço em construção de resistência. Era ao mesmo tempo, espaço para as atividades da igreja e também do bairro. O CENPAH localiza-se no Novo Horizonte na rua Albino Fernandes 59c. Na entrevista com Ferdinando Caprini, sacerdote, ex-comboniano e um dos fundadores do centro, *a ideia de fundar o CENPAH surgiu da necessidade de deslocar o trabalho da pastoral afro do Pelourinho para Sussuarana, ou melhor do centro da cidade para a periferia, facilitando assim a participação maior dos membros da pastoral.*

Pisei o solo de Sussuarana em janeiro de 2016, tendo como objetivo principal o acompanhamento do CENPAH. Em fevereiro, tive a chance de participar do Sarau. A

minha primeira impressão foi a de me sentir em casa, no meu país (Togo). Presenciei muitas coisas semelhantes no jeito de ser dos participantes do grupo (a cor da pele, o vestuário, os turbantes, o cabelo crespo e as tranças das mulheres). Nesse sentido, pode-se dizer que “os símbolos distintivos de grupos, extraídos de uma tradição cultural e que podem servir para resistência, são abocanhados em um discurso oficial” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p. 239). Outra coisa interessante, que chamou muito a minha atenção foi o orgulho que esses jovens periféricos manifestavam durante as atividades. Parecia-me que a cor preta para eles não é objeto de fraqueza, de vergonha, de submissão como eu tinha percebido ao longo dos cinco anos da minha estadia no Brasil. Assim, me senti à vontade para ficar mais perto deles e observar a dinâmica de vida desse grupo porque, somente a observação que me permitirá de entender essa realidade social. Em outras palavras, a observação

se caracteriza pela inserção do observador no grupo estudado, segundo um procedimento de compreensão do real (tradição do *verstehen* e do interacionismo simbólico), e é a participação ou o envolvimento do pesquisador que permite chegar à compreensão da realidade pesquisada. (JACCOUD e MAYER, 2014, p. 262).

Para realizar um bom trabalho de coleta de dados, tive que, como um bom etnógrafo, abandonar os preconceitos, as ideias que eu tinha escutado a respeito desse grupo.

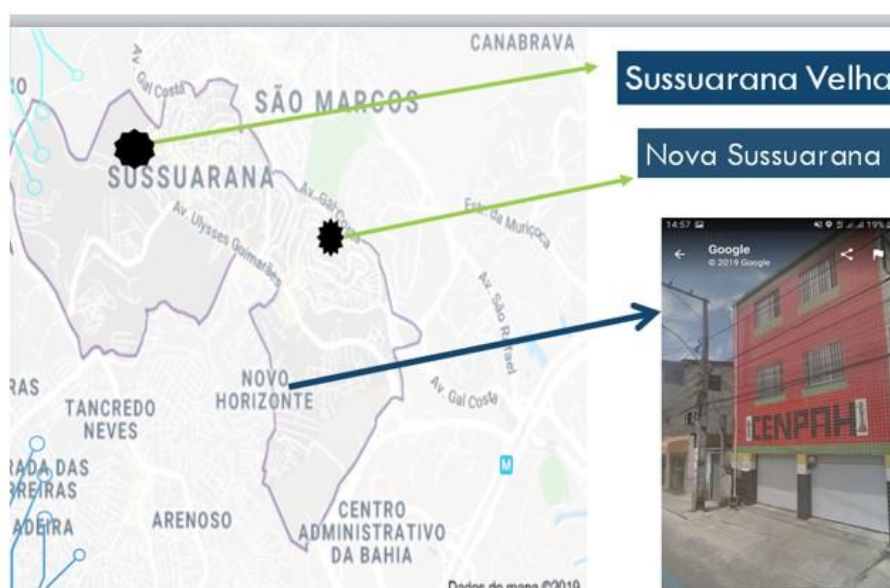
3. O Sarau da Onça e o processo de construção de identidade

A violência continuou marcando o bairro de Sussuarana. Os jovens continuavam sendo mortos violentamente e a mídia não parava de estigmatizar o bairro como um dos mais violentos de Salvador. Quem pesquisa na internet sobre o bairro Sussuarana só encontra informações sobre violências. As vítimas dessa violência são os jovens. Como afirma o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, “os jovens negros são assim, ainda mais do que os brancos, submetidos a um contexto social marcado por violências, como profundos impactos do seu cotidiano” (IPEA, 2009). Além de acabar com a vida humana da maioria desse povo, sobretudo os jovens, essa atitude de violência racista destrói a identidade do restante da população negra. Percebe-se isso no processo de negação da identidade negra na sociedade brasileira. O negro é aquele que não tem valor, por isso precisa aprender ou absorver os valores da outra raça. Assim ele vai negando a sua própria identidade para abraçar uma outra a fim de sobreviver. É o que se chama a invisibilidade. Em outras palavras, pode-se dizer que a invisibilidade “constitui uma prática para-etnocida da sociedade brasileira englobante, tendo por objetivo o incremento do controle sobre a população negra

(BACELAR e CAROSO 2007, p 166). Assim começou a enfrentar um velho problema de invisibilidade da população negra com novas estratégias.

Para mudar essa imagem que associava Sussuarana à violência, ao tráfico e às drogas, se pensou em criar o Sarau da Onça. O poeta, músico, articulador da juventude, Evanilson Alves tem 30 anos e é cofundador do Sarau junto com Sandro. Ele nos relata que

O Sarau surgiu em maio de 2011 para fortalecer o nome do bairro, dar visibilidade aos grupos culturais, rebater essa ideia da mídia “irmão preto tombado no chão” em Sussuarana e a convidar a publicar as ações culturais do bairro. A gente foi fomentado a fazer esse Sarau dentro da periferia a partir do professor Nelson Maca, criador do Sarau Bem Black.



Mapa da localização do CENPAH

Essa iniciativa de desestigmatizar o bairro foi sempre uma solução para jovens periféricos. O Sarau é também uma forma de firmar sua identidade enquanto grupo organizado. Trata-se de uma atividade cultural periférica, tendo como objetivo despertar nos jovens negros o desejo de buscar sua visibilidade a partir da poesia. São encontros de poesias que têm “como foco o acesso aos bens culturais, a ressocialização de populações marginalizadas, buscando promover e incluir socialmente esses sujeitos no modo como negociam e elaboram sua memória e suas identidades” (OLIVEIRA; FAGUNDES OLIVEIRA, 2017, p. 122). Essas atividades ajudaram a mudar a imagem que as pessoas tinham sobre os jovens do bairro. Durante o sarau acontecem a recitação de poesias e a

partilha das realidades vividas de discriminação, racismo e rejeição no dia a dia. Linguagens literárias de resistência periférica, as poesias publicadas no livro “Poéticas periféricas: Novas vozes da poesia soteropolitana” (2018) são como uma

bússola criativa que desloca pautas vitais para reflexão e debate de assuntos como racismo, homofobia, a identidade e o machismo (...). A obra reafirma e reforça a identidade, fomentando a criação de novos espaços populares para a reflexão sobre as pautas anteriores citadas (ALMEIDA DE JESUS, 2007, p. 9).

As atividades de afirmação e revalorização da identidade negra desenvolvidas no Sarau através da poesia e da música vão mudando o jeito de viver dessa juventude. Essas expressões artísticas constituem a forma de eles manifestarem suas posições políticas. Pode se perceber que a ideia inicial de mudar a história do bairro, fazendo dela um bairro cultura e artístico foi mudando para uma busca de identidade centrada nos valores culturais africanos. Essas poesias de afirmação do “ego” negro como sujeito e não objeto, vão transformando o jeito de ser, de pensar, de falar e de vestir-se desses jovens. Foi a primeira coisa que notei dos encontros. A repetição das poesias de afirmação da pele escura e de resistência vai influenciando os participantes a aceitarem, o que são realmente: *Negros*. Por isso, consideram a aprendizagem no Sarau da Onça como uma formação artística, política e identitária. Assim lemos em uma das poesias: Nos Saraus que tenho ido, tenho sentido em mim reafirmação... Artística, Política e Identitária. A glória de ser Preto, o orgulho de ser Favela [...]. O Sarau é a expressão de quem quer viver diferente, e na arte transcende sua mente” (Sarau, 2017, p. 49).



Foto dos dois fundadores do Sarau em cena

A nova resistência à discriminação é a afirmação da identidade negra como uma identidade autônoma, com seus privilégios e direitos iguais às outras identidades. Bispo diria que “na perspectiva da resistência cultural, essas identidades vêm sendo ressignificadas como forma de enfrentar o preconceito e o etnocídio praticado contra povos afro-pindorâmicos e os seus descendentes” (BISPO, 2015, p. 38). Esse novo espírito de despertar trouxe para essa juventude uma esperança de busca da sua visibilidade identitária. A necessidade é buscar um espaço onde o sujeito marginalizado pode ter voz e sair da zona de instrumentalidade para o lugar de voz e protagonismo. O impacto social dessa busca de identidade no Sarau da Onça vai alargando seus limites quando o que é aprendido nos sábados, através de poesia, é colocado em prática nos espaços públicos como nas faculdades, escolas e trabalhos. O sentimento de frustração passa a ser o de orgulho, aceitação e apreciação. Usar o turbante, ter cabelo crespo, usar vestimenta com uma imagem do continente africano torna-se um modelo para quem frequenta o Sarau, isso, sobretudo, observa-se nas mulheres do grupo. Dessa maneira, pode-se dizer que “Identidades étnicas e culturais são armas que muitos grupos minoritários podem utilizar para se defenderem contra outros grupos mais fortes” (ALMEIDA, 2007, p. 159). A etnicidade torna-se assim uma organização política que desses jovens para conseguir seus direitos. Citando Max Weber, Carneiro da Cunha enfatiza que as “comunidades étnicas podiam ser formas de organizações eficientes para resistência ou conquistas de espaços, em suma, que eram formas de organização política” (CUNHA, 2009, p. 237). A etnicidade, nesse sentido, é uma linguagem que transmite uma mensagem.

Para chegar a essa construção da identidade, foi necessário que a juventude negra de Sussuarana passasse pelos quatro estágios sugeridos por Ricardo Franklim Ferreira: estágio de submissão, de impacto, de militância e estágio de articulação. Assim, o jovem que frequenta o Sarau, chega submisso, no sentido de absorver e se submeter às crenças e valores de cultura branca dominante; o que o leva a negar a si mesmo. Através das atividades, ele desperta-se com a realidade de racismo, de discriminação e de negação vivida no cotidiano. A partir desse momento, “inicia-se um processo de intensa metamorfose pessoal, em que ele vai, gradualmente, demolindo velhas perspectivas e, ao mesmo tempo, passa a desenvolver uma nova estrutura pessoal referenciada em valores etno-raciais de matrizes africanas” (FERREIRA, 2004, p. 79). Essa pesquisa pretende produzir dados concretos sobre esses quatro estágios. Considerado a abordagem

etnográfica da atual pesquisa, fui fazendo um trabalho de campo, onde pratiquei a observação participante conforme elaborada por Malinowski. Este último desempenhou um papel central na legitimação do pesquisador de campo. Marquei presença antes da pandemia nos encontros de Sarau da Onça no CENPAH para participar da dinâmica do grupo, para olhar, ouvir e assim fazer o meu diário de campo, considerado como dados empíricos. Mas, OLIVEIRA (2000, p. 22) diria que se o olhar e o ouvir podem ser considerados como os atos cognitivos mais preliminares no trabalho de campo, é seguramente no ato de escrever, portanto na configuração final do produto desse trabalho, que a questão do conhecimento se torna tanto ou mais crítica.

Eles simplesmente queriam afirmar sua identidade, “pois o que se procura não é mais simplesmente, como em outras épocas recentes, a recuperação de traços perdidos de uma cultura, mas a afirmação de uma identidade, da qual essa cultura será eventual veículo e expressão” (SANCHIS, 2018, p. 322). Nas poesias produzidas pelo grupo encontram-se esses pensamentos revolucionários:

Negaram-me,
Me manipularam o tempo todo
Me dizendo que as coisas que eu gostava não prestavam
Meu cabelo não prestava, minhas crenças não prestavam
Que os meus reis e rainhas não existiam
Me fizeram escravo
Definiram um padrão e eu estava à margem dele
Me negaram o direito de viver, ser livre
As minhas escolhas só eram aceitas se fossem as escolhidas deles
Hoje, sem o efeito do veneno que foi injetado em minha mente
Vejo o quanto é importante ser mais consciente
O quanto a minha presença significa uma ameaça
Nunca fui aceito e por isso eu não aceito
Esse papo de que somos todos iguais
Pra mim sempre teve uma outra balança
Na hora da abordagem dos policiais
Ser crespo sempre feriu os bons costumes
Por isso é mais que afirmação quando
Um preto seu crespo assume
É acima de tudo um ato político
Mostrar que não desistimos
E nunca estivemos satisfeitos com o padrão
Se o Black atrapalha, sempre foi essa nossa condição
E entenda que eu sou lindo e não preciso de opinião
Com a minha família aprendi sobre a autoafirmação
Vim para escurecer, porque tá muito claro
E falar em alto e bom som
Que sou descendente de reis e rainhas
E não de escravos (SUSSUARANA, 2018, p. 35).

O projeto de pesquisa se baseia na experiência cotidiana no meio da juventude negra de Sussuarana, com a intenção de fazer um levantamento nesta ação do Sarau, a força estruturante que (re)constrói as identidades dessa juventude negra de maneira efetiva. Uma experiência de convívio com esse grupo e as observações ao longo de três anos (2016-2019), me motivaram a iniciar essa pesquisa de campo. Por isso esse projeto de pesquisa se insere exatamente entre a proposta do sarau da Onça e as aprendizagens alcançadas por esses jovens e as potencialidades desenvolvidas neste fazer cotidiano de falar ou experienciar as realidades vivenciadas por eles.

Referências

- BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos. Org. Brasil: um país de negros? 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela, Cultura com aspas e outros ensaios, São Paulo, Cosac & Naify 2009.
- FERREIRA, Ricardo Franklim. Afro-descendente: identidade em construção. São Paulo: Educ; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- JACCOUD, M. e MAYER, R. . A observação direta e a pesquisa qualitativa. In.: POUPART, J. et al. (orgs.) A Pesquisa Qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- JESUS, Valdeck Almeida de. Org. Poéticas periféricas: Novas vozes da poesia soteropolitana. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2018.
- OLIVEIRA, Esmael Alves; OLIVEIRA, Augusto Marques Fagundes. Antropologias Latino Americanas – por uma crítica decolonial. In: Tellus, Campo Grande, MS, ano 17, n.34, 2017. Pp 105-126.
- MUNARI Giovanni. Caminhos Combonianos no Brasil: 1952-2007. São Paulo, Alô Mundo, 2007.
- POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In.: POUPART, J. et al. (orgs.) A Pesquisa Qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SALVADOR. Prefeitura Municipal. Coordenação de Desenvolvimento Social. *Informações Sistematizadas: Bairros de baixa renda*, v.2, 1983.
- SARAU DA ONÇA. Org. O diferencial Favela: Poesias e Contos de Quebrada. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2017.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significados. Brasília, 2015.
- SUSSUARANA, Sandro. Org. Verso(s) Sob(re) Mim. 2. ed. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2018.